HPE

TEORIAS:
CICLOS DE INOVAÇÃO

Aula 9

Teorias da Inovação
- Shumpeter e Mitchell

Aula 9

Teorias da Inovação
Mitchell

Mitchell

- “Ciclos Econômicos”, de 1913- motivos dos ciclos regulares de prosperidade, crise, depressão e reativação das atividades presentes no mundo moderno

- Apesar de periódicos, eles são determinados por “mudanças cumulativas”, provocadas por “acontecimentos únicos"

- Ponto de partida da análise: Pós depressão, momento da aceleração

Mitchell

- Fase de acumulação da prosperidade parte das condições herdadas da depressão

- Condições:
  - preços num patamar baixo;
  - Margens de lucro estreitas;
  - Nível do crédito é baixo,
  - Empresas não contratam financiamento
  - Estoques e o nível das compras se mantêm baixos

- Sinal da reativação - expansão do volume físico das vendas - aumento das transações comerciais. (inicia num setor e lentamente se propaga para os demais)

Mitchell

- Empresas começam a aumentar suas atividades - contrata trabalhadores , contrai financiamento e aumentar os lucros.

- As encomendas do comércio estimulam o setor atacadista, industrial e os fornecedores de matérias-primas - reativa as atividades produtivas e espalha um sentimento de otimismo (se expressa na expansão acentuada das compras.

- A expansão do volume físico da produção acompanhada de uma elevação dos preços, que se propaga rapidamente para todos os setores da economia, mas de forma defasada e com ritmo de evolução distinto em cada setor

Mitchell

- À medida que a prosperidade se aproxima do ápice, criam-se as condições da crise.

- Conjunto de “mudanças cumulativas” contribuem para o aumento das tensões e desequilíbrios que desencadeiam a crise

- Elevação dos custos da atividade econômica: renovação dos equipamentos, contratos de fornecimento, aluguéis, e contratar mão-de-obra no novo patamar de preços engendrado pela fase de prosperidade.

- Elevação dos custos combina-se a elevação dos juros

- Elevação dos Juros: pressionado pelo aumento da demanda de capital que, em geral, cresce muito mais rápido que a oferta de crédito.

Mitchell

Elevação dos juros avança - começa a exercer uma pressão sobre a taxa de lucros esperada e provocar reavaliações nas programações de investimentos e novos projetos de ampliação da capacidade instalada

Repercute imediatamente nas encomendas das indústrias de máquinas e nas de infra-estrutura e sinaliza para a redução do nível de atividade desses setores num futuro próximo.

Quanto mais prolongado e intenso é o ciclo de prosperidade, maiores são as tensões e os desequilíbrios acumulados pelo sistema.

O ponto de inflexão ocorre quando o ritmo da elevação dos preços, sustentado pela prosperidade, começa a afetar o lucro de algumas empresas que não conseguem repassar os custos crescentes para os preços de seus produtos.
Apesar de muitas empresas continuarem com elevados níveis de lucratividade, as difi culdades em alguns

Mitchell

- Despertam um sinal de alerta no segmento de crédito - Temem pela segurança dos empréstimos e financiamentos concedidos - abalo na confiança que impulsionou a expansão econômica até aquele ponto.

- Inibição de novo ciclo de crédito

- A crise se instaura quando, paralelamente a esse processo de ajuste financeiro, ocorre uma mudança na natureza da atividade econômica

- Alteração nos objetivos dos empreendedores: Na fase de prosperidade, o objetivo da atividade empresarial é a realização do lucro e a valorização do capital. Quando as expectativas são revertidas e o ajuste financeiro se inicia, o objetivo passa a ser a sobrevivência da empresa
- a concentração dos esforços administrativos nos problemas financeiros minimiza a atenção na ampliação

Mitchell

- A concentração dos esforços administrativos nos problemas financeiros minimiza a atenção na ampliação das vendas, que é o problema crucial nessa fase, potencializando a redução da atividade e a situação de fragilidade dos negócios.

- 2 caminhos:
  - 1º - o crédito torna-se mais escasso, os juros sobem e o desemprego aumenta, mas as falências não se generalizam, não há corrida aos bancos e a atividade econômica não sofre ruptura

  - 2º - Ajuste financeiro atinge um setor excessivamente fragilizado - desencadear falências. O sistema bancário é submetido a uma pressão aguda por crédito e saques de depósitos. Se os bancos não resistirem a esse ataque simultâneo, instaura-se o pânico. Há um movimento de enxugamento da liquidez, e os juros elevam-se vertiginosamente, tornando o crédito proibitivo, o que induz a novas falências. O governo é convocado a intervir para garantir a liquidez, ao mesmo tempo que a retração econômica reduz sua arrecadação. As falências ampliam o desemprego, os estoques caem, os preços despencam, os mercados se desorganizam e a atividade econômica se contrai acentuadamente.

Mitchell

- Depressão é caracterizada pela falência de inúmeras empresas, desemprego em grande escala, queda generalizada da demanda, dos investimentos e dos preços

- Afirma que a melhor forma de estudar os ciclos econômicos é analisá-los do ponto de vista da acumulação do capital - o único ângulo que traduz com precisão os objetivos dos agentes atuantes na economia real

- Se a maior parte das causas dos ciclos econômicos está submetida ao imperativo da acumulação do capital, as consequências mais importantes referem-se aos efeitos que eles produzem no bem-estar da comunidade.

- 6 Efeitos destacados

Mitchell

- 1º

o volume físico da produção cresce mais nas fases de prosperidade e começa a cair nas etapas iniciais da depressão, mas a expansão e a contração da oferta são sempre mais acentuadas nos setores de bens de produção do que nos de bens de consumo não-duráveis. Isso significa que as variações na oferta dos produtos de consumo corrente, no período coberto pelo ciclo, são bem mais estáveis do que os indicadores apontam;

Mitchell

- 2º

A distribuição da riqueza no interior da comunidade é sensivelmente afetada pelos efeitos dos ciclos no poder aquisitivo dos vários segmentos sociais. Os lucros contraem-se numa proporção muito maior que os salários, mas os efeitos dessa contração são muito diferentes entre os empresários e os assalariados, uma vez que, no primeiro caso, a queda da renda raramente ameaça a sobrevivência da família, enquanto, no segundo, o desemprego desencadeia efeitos devastadores sobre as famílias dos trabalhadores, levando a todo tipo de privações, angústias e desespero;

- 3º

As oportunidades abertas no ciclo de prosperidade tornam os investidores mais vulneráveis a investimentos arriscados e proporcionam o surgimento de um grande número de empreendedores de competência duvidosa nos mais variados ramos de negócios, reduzindo o grau de eficiência do sistema, aumentando o desperdício e permitindo que algumas empresas sobrevivam, por breve período, com margens de lucro modestas;

Mitchell

- 4º

Na fase de crise e depressão, a execução das hipotecas e a venda das empresas em dificuldades por preços baixos favorecem a concentração do capital e o aumento das fortunas das empresas e dos investidores que conseguem atravessar a tormenta. Por outro lado, alianças e acordos formalizados no período de prosperidade tendem a se fragilizar ou ser destruídos;

Mitchell

- 5º

com a generalização e o aprofundamento da depressão, multiplicam-se os planos e intensificam-se as ações, visando à redução dos custos e o aumento da eficiência, desde que não demandem novos investimentos. Todas as medidas ou aprimoramentos técnicos que melhoram a produtividade, mas dependam de aporte de recursos significativos, são adiados. É na fase de reativação do ciclo que as inovações elaboradas e prontas para aplicação são implementadas em grande escala;

Mitchell

- 6º

Do ponto de vista social, a fase de prosperidade impõe a todos um ritmo extenuante de trabalho e uma melhoria do conforto material, o que alimenta grandes esperanças e otimismo. Por outro lado, aumenta o desperdício, a extravagância e a obsessão por resultados econômicos cada vez melhores. A crise e a depressão intensificam as ansiedades, o desânimo e o pessimismo. Os trabalhadores encontram, nessa fase, o maior sofrimento, com o aumento da exploração, das humilhações e do desemprego. Como aspectos positivos da crise, os investimentos tornam-se mais cautelosos, intensificam-se as medidas para conter o desperdício, reduzir os custos, inovar as técnicas e aumentar a eficiência.

Aula 9

Teorias da Inovação
- Shumpeter

Shumpeter

- A população e a produção crescem, mas o sistema econômico opera sempre no sentido- buscar uma nova situação de equilíbrio, diferente da anterior, mas apenas se adapta, de um ponto de vista estritamente quantitativo, às novas exigências.

- O único fenômeno que pode romper esse padrão de reprodução é a ação do empresário empreendedor, por meio de uma inovação.

Schumpeter

- As inovações podem ser agrupadas em cinco classes:
    - 1. fabricação de um novo bem;
    - 2. criação de um novo método de produção;
    - 3. acesso a um novo mercado;
    - 4. acesso a uma nova fonte de matérias-primas;
    - 5. nova forma de organização econômica, como um monopólio.

Schumpeter

- Não é qualquer tipo de inovação que tem a propriedade de promover mudança qualitativa na reprodução do sistema.

- Requisitos:
  - primeiro, são aplicadas na vida econômica (invenções que não são aplicadas não são inovações);
  - segundo, devem ser introduzidas em grupo.

Schumpeter

Distinção entre crescimento e desenvolvimento econômico:

- O crescimento é um fenômeno relacionado a fatores externos ao sistema e ocorre quando a economia é “arrastada pelas mudanças do mundo à sua volta”

- Desenvolvimento implica mudanças na vida econômica, engendradas pelo próprio sistema, em fenômenos e mudanças qualitativas que criam os prérequisitos para a etapa seguinte

Shumpeter

o a inovação é introduzida necessariamente pelo empresário empreendedor, conclui-se que ele é o agente fundamental do processo de desenvolvimento econômico

- O empresário empreendedor é decisivo não só pelo fato de ser o criador e o responsável pela introdução das inovações, mas também porque “intui” as novas oportunidades, novos produtos e desempenha a função de “educar” o desejo do consumidor, “ensinando-o” a desejar produtos novos, diferentes daqueles consumidos habitualmente

Schumpeter

- "Essa ação criativa, por sua vez, não pode ser desvinculada das consequências destrutivas que ela desencadeia, pois as inovações deslocam produtos antigos do mercado, eliminam empresas, processos e métodos de produção antiquados, além de hábitos tradicionais, que são substituídos por novos. Assim, do ângulo da análise de Schumpeter, o binômio criação-destruição faz parte da natureza do desenvolvimento econômico"

Shumpeter

- Os efeitos colaterais da concorrência, encontrava-se o processo de formação dos monopólios.

- Não os considerava prejudiciais à economia de mercado nem reclamava a ação do Estado para coibi-los.
- A formação de grandes corporações monopolistas é da natureza do sistema capitalista e, contrariamente ao que imaginam os liberais ortodoxos, o surgimento dessas empresas não prejudicava a concorrência, apenas deslocava o patamar em que ela ocorria.
- Normalmente, a concorrência se traduz numa “guerra” de preços, mas, em mercados nos quais atuam empresas monopolistas, a disputa se desloca para outras esferas, como a das inovações tecnológicas e a
- da organização-gestão da produção.
- os preços nesses setores tendem a ser mais elevados do que num ambiente de livre concorrência, as
- maiores margens de lucro atraem empresários empreendedores para o setor, estimulando as inovações, cujos efeitos, no limite, podem desagregar as grandes corporações monopolistas.
- No longo prazo, portanto, os monopólios não são prejudiciais ao desenvolvimento, pois são agentes inovadores e temporários, a menos que se tornem alvos de políticas protecionistas.

Shumpeter

- Para Schumpeter, o crédito que financia o investimento é muito mais importante para o desenvolvimento do que o que financia o consumo: o empreendedor não será capaz de colocar as inovações em prática se não tiver acesso ao crédito.

- Ele era pessimista em relação às perspectivas de sobrevivência do sistema capitalista, mesmo não sendo simpatizante do socialismo acreditava que ele seria implementado por 3 motivos:

  - 1 - o desenvolvimento capitalista e a tendência à formação de grandes conglomerados estavam produzindo o efeito de eliminar o agente responsável pelo dinamismo do sistema, o empresário empreendedor. A eliminação podia ocorrer por duas vias: ou pelo desaparecimento dos pequenos e médios negócios, setores nos quais os empreendedores iniciam suas atividades, ou pela criação, no interior das grandes corporações, de equipes técnicas assalariadas que teriam a tarefa de criar e introduzir as inovações. Nesse caso, as equipes tenderiam a se tornar organismos burocráticos, repetindo tarefas cada vez mais rotineiras e previsíveis, isto é, afastar-se-iam cada vez mais das motivações típicas do empresário empreendedor, conduzindo o sistema à estagnação.

Shumpeter

- 2- o desenvolvimento capitalista estava criando o efeito de separar a propriedade e a gestão da empresa, isto é, estava produzindo uma classe de “proprietários ausentes”, de um lado, e de gestores de outro, que não teriam um compromisso efetivo com a preservação da empresa. O mesmo desenvolvimento que estava conduzindo à perda da “substância material” da propriedade (as relações entre o proprietário e as empresas tornavam-se cada vez mais tênues) gerava uma “classe” de intelectuais, cujas inclinações críticas e dificuldades de integração profissional ao sistema tendiam a exercer um papel desagregador sobre a ordem, particularmente quando se amalgamavam às classes desfavorecidas pelo sistema.

Shumpeter

- 3- A crescente influência e interferência do Estado na economia, por meio de impostos elevados, gastos públicos excessivos, leis de proteção ao trabalho e de regulamentação do mercado, tenderiam a desestimular o investimento, as inovações e o desenvolvimento. Schumpeter acreditava que a ampliação das esferas de atuação do Estado tendia a evoluir para um capitalismo estatal burocratizado e ineficiente, cujos desdobramentos seriam ou uma volta ao capitalismo ou a transição para o socialismo pleno.

Schumpeter

- Schumpeter classifi cou os ciclos em três tipos:
  - o ciclo de Kitchin,
  - deJuglar e o
  - de Kontradieff .

- O ciclo de Kitchin : associado ao comportamento das vendas e compreendia um período aproximado de 40 meses. Vendas ingressavam numa fase de expansão, as empresas ampliavam seus estoques para se antecipar à demanda. Essa antecipação gerava estímulos à produção, ao emprego e à renda e se prolongava até a redução do ritmo das vendas. Aos primeiros sinais de queda nas vendas, as empresas reduziam imediatamente a produção e os estoques até que as vendas voltassem a se acelerar e um novo ciclo recomeçasse.
-
- O segundo ciclo, considerado o mais importante, é o de Juglar.4
- Sua duração
- varia de nove a dez anos e ele está relacionado às variações no fl uxo dos investimentos. O ciclo de Juglar

Schumpeter

- Schumpeter classifi cou os ciclos em três tipos:
  - o ciclo de Kitchin,
  - deJuglar e o
  - de Kontradieff .

- O segundo ciclo, considerado o mais importante, é o de Juglar: Sua duração varia de nove a dez anos e ele está relacionado às variações no fluxo dos investimentos. O ciclo de Juglar se inicia quando as empresas partem para investimentos na modernização das fábricas e na aquisição de máquinas e equipamentos para ampliar a produção. Esse período dura de quatro a cinco anos. Com o novo parque produtivo instalado, o ritmo de investimentos decai e as máquinas entram numa fase de intensa utilização e desgaste. Esse período se estende por aproximadamente cinco anos. O novo ciclo tem início quando a necessidade de reposição do maquinário desencadeia uma nova onda de investimentos.

Shumpeter

- O terceiro ciclo, o de Kontradieff: duração aproximada de 50 a 60 anos e está ligado à introdução de inovações em grande escala. Inicia quando um conjunto de invenções e novos métodos de comercialização e produção que vinham se acumulando ao longo de anos começam a ser introduzidos na vida econômica, desencadeando uma onda de inovações.

- Em geral, essas invenções e esses novos métodos se acumulam, pois as empresas não se sentem seguras para aplicá-los por nunca terem sido testados em sua eficácia. Quando surge a oportunidade e elas são introduzidas com sucesso na vida econômica, todos os demais agentes começam a copiá-las, abrindo um período de expansão dos investimentos, da produção, do emprego e da renda. Esse período corresponde à fase ascendente do ciclo de Kontradieff e dura aproximadamente de 12 a 14 anos.

Shumpeter

- Quando as inovações já estão generalizadas, e o ciclo de inovações se esgota, o ritmo dos investimentos se reduz, as empresas contratam menos crédito e o ritmo de crescimento decai. Inicia-se uma fase de diminuição da produção, do emprego e da renda, orientando a economia numa rota da recessão. Quando a retração da atividade econômica num ciclo longo coincide com as fases de retração de um ciclo de Juglar e de Kitchin, o sistema evolui para uma depressão econômica.

- A fase que vai da reversão da prosperidade até a depressão, compreende um período de aproximadamente 20 a 25 anos.

- A fase seguinte, de retomada do crescimento e de acúmulo de invenções e novos métodos, se prolonga por mais 12 ou 14 anos, até o momento em que surge uma oportunidade na qual eles são introduzidos em grupo nos processos produtivos e impulsionam uma nova fase de prosperidade